

## DADOS DE PRODUÇÃO DAS FRICATIVAS: UM OLHAR A PARTIR DA TEORIA DA OTIMIDADE

Micheli STEIN (UNISINOS)  
Cátia de Azevedo FRONZA (UNISINOS)

**ABSTRACT:** *This article presents initial reflections about the production from fricative consonant, considering theoretical foundations (aspects) of the Optimality Theory. These data integrate the research Explorando dados de fala e de escrita: aplicações da Teoria da Otimidade, co-ordinated by Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cátia de Azevedo Fronza, in the Unisinos.*

**KEYWORDS:** *fricative consonants; language acquisition; Optimality Theory (fricativas, aquisição da linguagem, Teoria da Otimidade)*

### 0. Introdução

A criança, ao adquirir uma língua, deve aprender muito mais do que os sons que a compõem. Ela deve internalizar quais são os sons contrastivos dessa língua, que estruturas silábicas são permitidas, que sons podem ocupar cada posição da sílaba, quais seqüências de sons são possíveis em cada sílaba e qual o acento de cada palavra que compõem a língua (MOTA, 1996, apud OLIVEIRA, 2003), e isso tudo se dá de forma tão natural que nem sempre é possível perceber o que exatamente está acontecendo. Os estudos sobre a aquisição da linguagem têm, dessa forma, um campo de investigação bastante fértil.

Partindo de estudos sobre a aquisição da linguagem e também de investigações sobre a aprendizagem da escrita, que apontam para relações entre as duas modalidades da língua, iniciou-se, neste ano de 2006, a pesquisa *Explorando dados de fala e de escrita: aplicações da Teoria da Otimidade*, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cátia de Azevedo Fronza. Essa investigação retoma dados de fala e de escrita de crianças em fase de aquisição da linguagem já coletados em estudos anteriores pela mesma pesquisadora (AZEVEDO 1994, FRONZA, 1999, 2000, 2003, 2004a, 2004b e FRONZA et al, 2006) e dá continuidade ao estudo longitudinal iniciado em junho de 2004, que coleta dados de fala de 12 informantes. Esse estudo longitudinal começou a partir da pesquisa *A produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de fala e de escrita*, encerrada no início de 2006. As coletas de fala, no entanto, continuam sendo realizadas, pois pretende-se acompanhar os informantes até seus 10 anos, obtendo, dessa forma, dados da sua fala e da sua escrita. A Teoria da Otimidade está sendo usada na explicitação dos dados de fala e pretende-se aplicá-la também aos dados de escrita para verificar em que medida esse modelo teórico se adapta a esses tipos de dados.

O pôster intitulado *Dados de produção das fricativas: um olhar a partir da Teoria da Otimidade*, apresentado durante o VII Encontro do Celsul, que deu origem a este artigo, integra a referida pesquisa, constituído-se em um recorte, partindo dos dados de fala de um dos 12 informantes do estudo longitudinal.

### 1. As consoantes fricativas

As fricativas são sons produzidos com a obstrução parcial da saída do ar pelos articuladores, o que causa fricção (SILVA, 2003:33). A classe das fricativas caracteriza-se, ainda, por possuir tanto fonemas de aquisição inicial como também de aquisição mais tardia. Segundo Oliveira (2003 e 2004), a primeira fricativa a ser adquirida é /v/, por volta de 1:8, seguida por /f/, 1:9. Já /z/, /s/, /ʒ/ e /ʃ/ são adquiridas mais tardiamente: /z/ aos 2:0, /s/ e /ʒ/ aos 2:6 e /ʃ/ aos 2:10. A autora (op. cit.) destaca que a aquisição dessa classe de consoantes se dá de forma gradual, não linear, havendo queda de produção em algumas faixas etárias. É interessante observar que Oliveira (2003 e 2004), em seus estudos, constatou que, ao contrário do que a literatura na área da fonologia e da aquisição costuma postular, os fonemas [+sonoros] foram adquiridos antes dos [-sonoros], ou seja, as fricativas [+sonoras] /v/, /z/ e /ʒ/ foram adquiridas antes de seus pares /f/, /s/, e /ʃ/, respectivamente. Oliveira (2004) apresenta, também, características da aquisição das fricativas, destacando as estratégias de reparo utilizadas nesse processo, bem com os fatores favoráveis à produção de cada segmento.

Conforme já explicitado, as primeiras fricativas a serem adquiridas são /v/ e /f/. Omissão e substituição do segmento são as duas estratégias de reparo que, segundo Oliveira (op.cit), podem ser empregadas pelas crianças durante o processo de aquisição desses dois fonemas. Segundo a autora (op.cit.), a omissão pode ser do segmento (ex: *faca* → [ˈaka])<sup>1</sup> ou da sílaba portadora do segmento (ex: *formiga* → [ˈmiga]). Já as substituições podem ser de valor do traço [sonoro] (ex: *sorvete* → [sorˈfetʃi]), de valor do traço [contínuo] (ex:

<sup>1</sup> Os exemplos aqui apresentados foram, igualmente, extraídos de Oliveira (2004).

fogão → [po'gõw] e cavalo → [ka'balu]), por semivogal (ex: foi → [woj]) ou substituição de ponto (ex: feijão → [si'zõw]). Com relação aos fatores favoráveis à produção de /f/ e /v/, a autora (op.cit.) destaca, por ordem de importância, para /f/, tonicidade (postônica), contexto precedente (/e/), contexto seguinte (/ɔ/, /i/, /ε/ e /e/), número de sílabas (polissílaba) e posição na palavra (onset medial); e para /v/ destaca, também por ordem de importância, número de sílabas (monossílaba), contexto precedente (/w/, /o/ e coda com /r/), contexto seguinte (/u/, /ε/ e /ɔ/), tonicidade (tônica) e posição na palavra (onset medial).

Em relação ao processo de aquisição das coronais /s/, /z/, /ʃ/, e /ʒ/, Oliveira (2004) destaca que podem ser empregadas as mesmas estratégias de reparo de /f/ e /v/: omissões e substituições. A omissão nesse caso, assim como no anterior, pode ser do segmento (ex: suco → ['uku], chinelo → [i'nelu]), ou da sílaba portadora do segmento (ex: sapato → ['patu], chupeta → ['peta], mesa → ['me]). As substituições podem ser de valor de traço [anterior] (ex: sapato → [ʃa'patu], casinha → [ka'ʒiɲa], chave → ['savi], janela → [za'nela]), de valor de traço [sonoro] (ex: sapo → ['zapu], casa → ['kasa], cheia → ['zeja], queijo → ['kejʃu]), de valor de traço [contínuo] (ex: sapato → [ta'patu], casa → ['kada], chinelo → [ki'nelu], jogar → [do'ga]) e substituição de ponto (ex: xícara → ['fikara], jacaré → [vaka'le]). Com relação aos fatores favoráveis à produção das coronais, a autora (op. cit.) lista, sempre por ordem de importância: para /s/, vogal seguinte (/e/), vogal precedente (/ε/), tonicidade (postônica) e contexto precedente (vazio); para /z/, posição na palavra (onset medial), contexto precedente (/w/, /i/, /u/ e /o/), contexto seguinte (/e/, /a/, /o/, vogal nasalizada e /u/) e tonicidade (pretônica); para /ʃ/, posição na palavra (onset medial), contexto precedente (/i/, /u/, /a/ e /e/), contexto seguinte (/o/), número de sílabas (polissílaba) e tonicidade (postônica); e para /ʒ/, contexto seguinte (/u/), contexto precedente (coda com /n/), posição na palavra (onset absoluto), número de sílabas (trissílaba) e tonicidade (pretônica).

Como os dados indicam, as estratégias de reparo empregadas pelas crianças não diferem muito entre as fricativas, pois são sempre casos de omissões ou substituições. As substituições envolvem valores de traço [anterior], [sonoro] e [contínuo], de ponto e substituições por semivogal. As omissões são sempre do segmento ou da sílaba portadora do segmento.

### 1.1. A Teoria da Otimidade

A Teoria da Otimidade (TO) foi proposta por McCarthy e Prince em 1993, constituindo-se, então, em um novo modelo teórico. Segundo Bonilha (2003), a Teoria da Otimidade postula a existência da Gramática Universal (GU), que se constitui a partir do conhecimento inato da linguagem em todos os seres humanos e de um conjunto de restrições (CON), compartilhado pelas gramáticas das línguas do mundo. As restrições do CON são simples, universais e podem ser violadas. A TO pressupõe o funcionamento da gramática com base no ranqueamento dessas restrições.

Segundo essa teoria, *a especificidade de cada sistema lingüístico está na hierarquia estabelecida para as restrições universais e o processo de aquisição de uma língua implica a aquisição do ranqueamento de restrições que caracteriza aquele sistema lingüístico* (MATZENAUER, 2003: 126).

A TO postula a existência de dois mecanismos, que mediam a relação *input/output*: GEN (gerador), que, a partir de determinada forma de *input*, cria uma série de candidatos a *output*, e EVAL (avaliador), que, a partir da hierarquia de restrições, seleciona, dentre os candidatos produzidos por GEN, o candidato ótimo (melhor forma de *output*). O *output* é avaliado com relação a dois aspectos: aspectos estruturais de boa formação e aspectos relativos à preservação de propriedades de sua forma lexical básica (op.cit.). Dessa forma, a TO admite dois tipos de restrições: as restrições de marcação, que requerem que o *output* seja o menos marcado possível, ou seja, quanto menos esforço articulatório melhor, e as restrições de fidelidade, que requerem que a identidade entre *input* e *output* seja mantida.

## 2. Metodologia

Conforme já explicitado, os dados utilizados neste estudo fazem parte do estudo longitudinal que integra o *corpus* da pesquisa *Explorando dado de fala e de escrita: aplicações da Teoria da Otimidade*.

Integram esse estudo 12 informantes, falantes monolíngües do português brasileiro, pertencentes à classe média. Todas as crianças freqüentam escolas de educação infantil da rede privada, situadas na região metropolitana de Porto Alegre. Os dados de fala são coletados mensalmente a partir de um momento de interação entre a pesquisadora e a criança, que dura aproximadamente 30 minutos. As coletas são realizadas nas escolas ou nas casas dos informantes, dependendo da preferência dos responsáveis. O instrumento utilizado nas coletas é uma sacola contendo jogos de atenção, livros e brinquedos de diversos tipos. Desse modo, motiva-se a criança à fala espontânea, interagindo com os brinquedos e com a pesquisadora.

As coletas são gravadas digitalmente e, depois, editadas através do programa Pro-Tools. A seguir, é feita a transcrição fonética ampla das produções orais das crianças. A análise se dá em três etapas: determina-se o inventário fonético, traça-se o sistema fonológico e explicitam-se os dados a partir de reflexões que se valem do formalismo da TO. A Teoria da Otimalidade é usada para explicitar um determinado fenômeno encontrado nos dados de fala investigados, por exemplo, o apagamento ou a substituição de segmentos.

Para o estudo aqui apresentado, conforme já afirmado, utilizaram-se dados de fala das doze primeiras coletas realizadas com um dos informantes do estudo longitudinal. Esse informante, um menino, iniciou sua participação no estudo em 2004, com 2;1 e, na 12ª coleta, estava com 3;2. Desses dados, fez-se um recorte, considerando, aqui, apenas aqueles que envolvessem a possibilidade de produção de fricativas.

### 3. Os dados

#### 3.1. O inventário fonético

Depois de concluída a transcrição fonética ampla dos dados de fala das crianças, é determinado o inventário fonético de cada um deles. Esse inventário permite a visualização da capacidade fonética da criança, possibilitando a comparação entre o padrão a ser adquirido e os fones efetivamente produzidos.

Neste estudo, para a determinação do inventário fonético, considerou-se pelo menos uma ocorrência do fone<sup>2</sup>. Assim, se o fone tiver sido produzido pelo menos uma vez pela criança, é registrado no inventário. Quando há a possibilidade de produção do fone, mas ele não é realizado (é apagado ou substituído), registra-se o símbolo  $\emptyset$ . Se, em uma determinada coleta, não há a possibilidade de produção do fone, é registrado, no inventário, o símbolo -. Será apresentado, aqui, apenas o inventário fonético das consoantes fricativas.

Quadro 1: Inventário Fonético de L

Inv. Padrão		L					
Col.	Idade	f	v	s	z	ʃ	ʒ
		Inv fonético					
C1	2;1	f	v	$\emptyset$	z	ʃ	ʒ
C2	2;1	f	v	s	z	ʃ	ʒ
C3	2;2	f	v	s	z	ʃ	-
C4	2;3	-	v	-	-	-	-
C5	2;5	f	v	s	z	ʃ	ʒ
C6	2;6	f	v	s	z	ʃ	ʒ
C7	2;8	f	v	s	z	ʃ	-
C8	2;8	f	v	s	z	ʃ	-
C9	2;10	f	v	s	z	ʃ	ʒ
C10	2;11	f	v	s	z	ʃ	ʒ
C11	3;0	f	v	s	-	ʃ	ʒ
C12	3;2	f	v	s	z	ʃ	ʒ
Total		11	12	10	10	11	08

$\emptyset$  Fone apagado, ou omitido.

- Ausência de possibilidade de produção do fone

Como é possível perceber pelo quadro 1, o informante L produziu as fricativas sempre que houve possibilidade, com exceção do fone [s], que foi apagado ou omitido na primeira coleta. A única fricativa realizada em todas as coletas é [v]. Para [f] e [ʃ] não houve possibilidade de produção apenas na quarta coleta. É importante ressaltar que a quarta coleta é, na verdade, uma exceção. Nesse dia o informante não estava bem disposto e permaneceu pouco tempo com a pesquisadora, tendo pronunciado apenas algumas palavras. [z] esteve ausente em duas coletas e [ʒ] em quatro, sendo a fricativa que menos possibilidades teve de ser produzida.

#### 3.2. O sistema fonológico

<sup>2</sup> Sabe-se que há divergências entre as pesquisas no que se refere a uma ou mais realizações do fone. Apesar disso, este foi o critério adotado para as líquidas neste estudo.

O sistema fonológico é um levantamento das ocorrências e possibilidades de produção de cada fone, bem como das substituições e omissões realizadas pela criança. Optou-se por, neste artigo, apresentar os sistemas fonológicos de cada fricativa separadamente, considerando, devido ao espaço, apenas as coletas C1, C5, C8 e C12. No delineamento do sistema fonológico, foram consideradas as posições na palavra que podem ser efetivamente ocupadas por cada fone: OA – onset absoluto e OM – onset medial para todos os fones, e CM – coda medial e CF – coda final para /s/ e /z/. /f/ e /v/, na Língua Portuguesa, também podem ocupar a posição de C1 no onset complexo. Esses dados, no entanto, não foram analisados separadamente neste estudo.

Quadro 2: Sistema fonológico de /f/

	L			
	/f/			
	C1	C5	C8	C12
<b>OA</b>	f	f	-	f
<b>OM</b>	-	f	f	-

Como é possível perceber no quadro acima, o fone /f/ está adquirido pela criança já na primeira coleta, quando estava com 2:1. De acordo com Oliveira (2003 e 2004), conforme já explicitado, esse fone é adquirido pelas crianças aos 1:9. Neste estudo, não há como precisar a idade exata da aquisição, mas pode-se afirmar que, de qualquer maneira, o fone foi adquirido antes de 2:1. Assim sendo, não se observou, nesses dados, o emprego de nenhum tipo de estratégia de reparo.

O mesmo ocorre com /v/, como indica o quadro 3.

Quadro 3: Sistema fonológico de /v/

	L			
	/v/			
	C1	C5	C8	C12
<b>OA</b>	v	v	v	v
<b>OM</b>	v	v	-	v

Quando o contato com o informante iniciou, /v/ estava adquirido. Aqui também não se observou o uso de estratégias de reparo.

Quadro 4: Sistema fonológico de /s/

	L			
	/s/			
	C1	C5	C8	C12
<b>OA</b>	-	ʃ, s	-	-
<b>OM</b>	ʃ	s, (ʃ)	s	s
<b>CM</b>	ø	ø	s	s, ʃ
<b>CF</b>	-	-	-	-

Quanto à /s/, pode-se perceber, no quadro acima, que, na primeira coleta, o fone não foi produzido, mas foi substituído por /ʃ/ e apagado. Na quinta coleta, o fone foi produzido, com predominância na posição de onset medial, mas ainda são empregadas as estratégias de reparo apagamento e substituição. Na coleta 8, poder-se-ia considerar o fone adquirido. Nessa coleta o informante estava com 2:8, portanto dois meses além da idade estabelecida por Oliveira (2004) como aquela em que o fone é adquirido pelas crianças. Contudo, os dados da 12ª coleta mostram que, em coda medial, ainda há o emprego de substituições. As produções deste estudo não corroboram, então, as constatações apresentadas por Oliveira (op.cit.). Diante disso, é importante considerar as diferenças existentes entre estes estudos, sendo a quantidade de informantes analisados a principal delas. As estratégias de reparo aqui encontradas são as mesmas apontadas por outras pesquisas (op. cit.): apagamento e substituição. Há, por exemplo, um caso de apagamento em ‘mosca’ → [‘moka]. Destaca-se também que as

substituições realizadas pelo informante envolveram apenas o traço [anterior], como em ‘essa’ → [ɛʃa], ‘maçã’ → [maʃã] e ‘cenoura’ → [ʃiˈnorja].

Quadro 5: Sistema fonológico de /z/

	L			
	/z/			
	C1	C5	C8	C12
<b>OA</b>	-	-	-	-
<b>OM</b>	ʒ, z	ʒ, z	z	-
<b>CM</b>	-	-	-	-
<b>CF</b>	-	-	-	z

O quadro 5 mostra que houve poucas possibilidades de produção de /z/ ao longo das doze coletas. Nas primeiras coletas, o fone já foi produzido, mas os casos de substituição superam as produções corretas. De acordo com Oliveira (2004), 2:0 é idade de aquisição dessa fricativa. Mais uma vez os dados deste estudo não coincidem com os apresentados pela autora (op. cit.), pois, na coleta 1 o informante já estava com 2:1. De acordo com o quadro, /z/ pode ser considerado adquirido a partir da coleta 8, ou seja, por volta dos 2:6.

Quadro 6: Sistema fonológico de /ʃ/

	L			
	/ʃ/			
	C1	C5	C8	C12
<b>OA</b>	ʃ	ʃ	-	-
<b>OM</b>	ʃ	ʃ	ʃ, s	ʃ

Os estudos apresentados por Oliveira (2004) apontam 2:10 como a idade de aquisição da fricativa /ʃ/. Os dados trazidos aqui, porém, mostram que já na primeira coleta o informante produziu o fone em 100% dos casos em que houve possibilidade. Apenas na coleta 8, ou seja, aos 2:6, houve substituições por /s/, como em ‘baixo’ → [ˈbasu]. Os dados permitem indicar que houve uma inversão em relação às idades de aquisição de /s/ e /ʃ/ pelo informante. /ʃ/ teria sido adquirido primeiramente, influenciando as produções de /s/, adquirido mais tarde.

Quadro 7: Sistema fonológico de /ʒ/

	L			
	/ʒ/			
	C1	C5	C8	C12
<b>OA</b>	-	ʒ, tʃ	-	ʒ
<b>OM</b>	ʒ	z	-	ʒ

De acordo com os dados acima, vê-se que, na primeira coleta, /ʒ/ foi produzido corretamente. Já na coleta 5, houve casos de substituição, como em ‘girafa’ → [tʃiˈafa] e ‘zoológico’ → [zoˈozi]. Percebe-se que, na última coleta, o fone foi efetivamente produzido nas duas posições que ocupa nas palavras.

Os dados deste estudo, por terem sido coletados a partir dos 2:1 do informante, não permitem a exploração do processo de aquisição de algumas das fricativas, que são adquiridas antes dos 2:0. Em relação àquelas adquiridas mais tardiamente, pode-se perceber que a criança em questão não segue o padrão de aquisição apresentado por Oliveira (op. cit.). Os dados deste estudo, por terem sido coletados a partir dos 2:1 do informante, não permitem a exploração do processo de aquisição de algumas das fricativas, que são adquiridas antes dos 2:0. Em relação àquelas adquiridas mais tardiamente, por outro lado, pode-se perceber mais especificamente em que momento o informante adquiriu os fones. O fone [s], por exemplo, é, segundo a autora (op. cit.), adquirido aos 2:6. Os dados aqui apresentados permitiram perceber que, em posição de onset absoluto, o fone foi adquirido pelo informante já aos 2:5; em posição de onset medial, só aos 2:8 o fone pode ser considerado adquirido. Outro exemplo que pode ser citado é /ʃ/, que, nos dados aqui discutidos, já era produzido corretamente desde a primeira coleta, ou seja, aos 2:1, apresentando uma queda no percentual de produções

adequadas na coleta 8, aos 2:8. Retomando os dados de Oliveira (2004), verifica-se que esse fone é, geralmente, adquirido pelas crianças aos 2:10. Este informante, no entanto, apresenta indícios de aquisição desses fones um pouco antes dos sujeitos estudados por Oliveria (op. cit.)

### 3.3. Teoria da Otimidade: primeiras reflexões

Considerando o estudo sobre as fricativas já discutido nas seções anteriores, insere-se neste espaço uma reflexão bem inicial que utiliza a TO. Os *tableaux* 1 e 2, mostram a hierarquia de restrições que pode, conforme esta fase de discussão, operar na gramática da criança, quando ela utiliza o apagamento, uma das estratégias de reparo mais freqüentes nos dados aqui discutidos.

As restrições ranqueadas na hierarquia dos *tableaux* são:

NO-Coda - não deve haver coda (CVC).

LIN (Linearity) – não deve haver metátese, pois o *output* deve refletir a estrutura linear do *input* e vice-versa.

DEP-IO (Dependence) – não deve haver epêntese, isto é, todo traço do *output* tem um correspondente no *input*.

MAX-IO (Maximality) – não deve haver apagamento de nenhum traço do *input*.

Tableau 1: Hierarquia do *output* [gɔtu] para ‘gosto’

/ gɔs.tu /	NO-CODA	LIN	DEP-IO	MAX-IO
a) gɔs.tu	*!			
☞ b) gɔ.tu				*
c) gɔ.tus	*!	*		
d) gɔ.su.tu			*!	

De acordo com o *tableau*, percebe-se que o *output* escolhido como ótimo é o candidato (b)[gɔtu], pois ele viola a restrição ranqueada mais abaixo na hierarquia: MAX-IO. O candidato a) viola a restrição ranqueada mais acima na hierarquia, ou seja, NO-CODA. Essa restrição também é violada pelo candidato c), que viola ainda a restrição LIN, uma vez que ocorre metátese. O candidato (d), por sua vez, viola DEP-IO, pois há epêntese.

É importante ressaltar que esse *tableau* apresenta uma hierarquia de restrições que se modifica ao longo do processo de aquisição da linguagem. Desse modo, quando a criança não mais apaga o segmento, pode-se chegar a seguinte hierarquia:

Tableau 2: Hierarquia do *output* [gɔstu] para ‘gosto’

/ gɔs.tu /	LIN	DEP-IO	MAX-IO	NO-CODA
☞ a) gɔs.tu				*
b) gɔ.tu			*!	
c) gɔ.tus	*!			*
d) gɔ.su.tu		*!		

Conforme o *tableau* 2 percebe-se claramente o processo de demovção de hierarquias, que pode caracterizar as etapas do processo de aquisição da linguagem. Nesse caso, a restrição NO-CODA é demovida, passando a ocupar o lugar mais abaixo na hierarquia. O *tableau* mostra que o candidato (a) foi escolhido com ótimo, pois viola a restrição agora ranqueada mais abaixo na hierarquia. O candidato (b), antes escolhido, viola a restrição agora ranqueada mais acima, de forma que não pode mais ser o *output* ótimo.

Esses *tableaux* apresentam apenas algumas das restrições possíveis, e, dependendo dos *outputs*, serão necessários outras restrições e ranqueamentos. Para que se chegue a conclusões mais aprofundadas a respeito dos fenômenos da língua ocorridos na fala do informante investigado, dever-se-á analisar mais produções à luz da TO.

### 4. Considerações finais

O estudo aqui apresentado reflete a fase inicial da pesquisa na qual se insere. Como já referido no início do texto, pretende-se retomar outros dados de fala e também analisar dados de escrita, a fim de compará-los à luz da Teoria da Otimidade. Espera-se que os resultados dessa investigação possam contribuir para a confirmação (ou não) da hipótese de que existe uma aquisição da fonologia na modalidade escrita assim como há na fala. Acredita-se que esse estudo possa contribuir com outros realizados tanto na área de aquisição da fonologia como em outras áreas que tenham a aquisição da linguagem como foco.

RESUMO: Neste artigo são apresentadas reflexões iniciais sobre a produção de fricativas, considerando fundamentos teóricos da Teoria da Otimidade. Esses dados integram a pesquisa *Explorando dados de fala e de escrita: aplicações da Teoria da Otimidade*, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cátia de Azevedo Fronza, na Unisinos.

PALAVRAS-CHAVE: fricativas; aquisição da linguagem; Teoria da Otimidade

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Cátia de. *Aquisição normal e com desvios da fonologia do Português: contrastes de sonoridade e de ponto de articulação*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1994.
- BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. Teoria da otimidade. In: MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição da fonologia e teoria da otimidade*. Pelotas: EDUCAT, 2003. (p.14-24)
- FRONZA, Cátia de Azevedo. *O nó laringeo e o nó ponto de C no processo de aquisição normal e com desvios do português brasileiro: a existência de uma tipologia*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS, 1999.
- \_\_\_\_\_, Cátia de Azevedo. Texto nas séries iniciais: evidências fonológicas. Comunicação apresentada no VI Congresso Nacional de Fonética e Fonologia, Niterói - RJ, 2000.
- \_\_\_\_\_, Cátia de Azevedo. Textos nas séries iniciais: evidências fonológicas – resultados preliminares. In: II Congresso Internacional da ABRALIN, *Anais...* Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, p. 103-105, 2003.
- \_\_\_\_\_, Cátia de Azevedo. Speech and Writing: phonology acquisition during literacy. Comunicação apresentada no SECOND LISBON MEETING ON LANGUAGE ACQUISITION, Lisboa, 2004a.
- \_\_\_\_\_, Cátia de Azevedo. Estudo comparativo de dados de escrita no ensino fundamental. In: II ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUAS E XVII SEMANA DE LETRAS, 2003, Caxias do Sul. *Anais do II Encontro Nacional de Ensino de Línguas e da XVII Semana de Letras*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004b. p. 1-17.
- FRONZA, Cátia de Azevedo; GOMES, Cristiane; LEMES, Patricia Beatriz; STEIN, Micheli; Relações entre fala e escrita: contribuições para a ação do professor. 2006 (no prelo).
- MATZENAUER, Carmem Lúcia Barreto. Aquisição das fricativas coronais com base em restrições. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 38, n° 2, p. 97 – 110, junho de 2003.
- OLIVEIRA, Carolina Cardoso. Perfil de aquisição das fricativas /f/, /v/, /ʃ/ e /ʒ/ do Português Brasileiro: um estudo quantitativo. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 38, n° 2, p. 97 – 110, junho de 2003.
- \_\_\_\_\_. Sobre a aquisição das fricativas. IN: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SILVA, Taís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.